

Novos elementos pós-clássicos do anfiteatro de Conimbriga

Adriaan De Man

ABSTRACT:

After a number of previous interventions at the building, a new excavation was carried out in the amphitheatre's south sector, where the Late Roman wall was superposed, as part of a larger historical change. A significant fourth century sequence was detected in straight articulation with this architectural shift, leading to the comprehension of several Early Medieval domestic occupations.

1. RELAÇÕES ENTRE O ANFITEATRO E A MURALHA

Ao longo dos primeiros anos do século IV, foram várias as alterações topológicas que, de acordo com uma dinâmica já em curso, configuraram uma nova articulação física em Conimbriga. Do ponto de vista urbanístico, a muralha baixo-imperial surge como a mais determinante dessas obras, o que no seu sector nordeste se traduziu num contraste directo mas também numa estreita ligação com o anfiteatro. Este edifício obsoleto tanto serviu de fonte de material reaproveitado como de substrato para o monumento defensivo. Trata-se de uma paradigmática transição, que marca a passagem de um classicismo provincial para outro mundo, definitivamente tardio. É por isso que a anulação do anfiteatro não constitui uma mera resignação depredatória, mas antes a afirmação de um pragmatismo construtivo, que de resto era um valor intrinsecamente romano. Constata-se, para além desta articulação provavelmente tetrárquica (DE MAN 2005a), uma sequência coerente de níveis de actividade mais tardios. De facto, uma grande parte do material corresponde a períodos de ocupação pós-romana, e a avaliação da cerâmica comum deste sector levou à identificação de horizontes alto-medievais, com base em elementos tecnológicos e formais (DE MAN 2004, 459-471). Essa convicção ficou fortalecida após uma série de datações por radiocarbono, o que recolocou a questão das ocupações pós-romanas numa perspectiva diferente daquela defendida desde os anos setenta (DE MAN; SOARES 2005).

Aponte-se em primeiro lugar que a adaptação da base do anfiteatro, ao servir de substrato à muralha, reflecte com nitidez uma consciente optimização de recursos. Em si, a sobreposição não destoa neste ambiente arquitectónico; uma significativa parte da construção baixo-imperial consistia na aplicação de princípios empíricos, que tiveram depois uma razoável continuidade medieval (PRIGENT; SAPIN 1999, 106-108). Parte da obra de Paládio sobre agricultura trata de

construção, ainda que mencionada apenas *pro agri merito et pro fortuna domini*, sem pretensões urbanas, portanto. Mesmo assim, o texto reflecte a circulação mais ou menos codificada de regulamentos arquitectónicos ao longo do século IV, ao propor equivalências entre as dimensões necessárias e o tipo de subsolo. Aplicando a proporção indicada para rocha ou tufo à realidade em apreço, constata-se uma notável concordância, já que Paládio propõe, para este tipo de solo firme, apenas um ou dois pés de profundidade. A sequência estratigráfica demonstra uma rápida sucessão de acontecimentos sobre o anfiteatro: o enchimento dos *vomitoria*, a consolidação do local e, finalmente, a aplicação de uma pequena sapata de argamassa, servindo de base à primeira fiada de alvenaria. É uma evidência de engenho de acordo com o substrato, porquanto noutros pontos da muralha se verifica um assentamento directo, sem recurso a ligante. Vitruvius (5. 4) apresentara preocupações muito semelhantes, de acordo com o tipo de solo, que variam desde a rocha dura ao pântano (ROWLAND; HOWE 2002, 50-51). Quanto à silharia, a variante de *opus vittatum* da muralha parece ser uma transposição directa da estrutura do anfiteatro, exclusivamente em tufo calcários locais, que apresentam uma nítida heterogeneidade petrográfica (CUNHA 1995, 9-22). Houve por isso um cuidado na selecção da rocha, limitando a discrepância e aproveitando quase apenas os tufo compactos e estratificados, renegando os níveis macios.

Nesta zona, o declive alto-imperial apresentava-se pouco acentuado, e a nova muralha passou também a servir de muro de contenção, elevando significativamente o nível de circulação (imagem 1). Desde uma pequena notícia da descoberta do edifício, no Diário Popular de 1971 (s/a, 265-266), que foi avançado com a ideia de um anfiteatro semi-escavado na rocha. Apesar dessa concepção não se mostrar incorrecta, ela deverá ser matizada, diante da fortíssima potência estratigráfica no interior do perímetro, o que leva a considerar uma topografia original bastante menos acentuada entre a plataforma tardia e a depressão. A última década e meia permitiu precisar a disposição do anfiteatro, e o limite das entradas sobre o eixo do vale encontra-se razoavelmente definido. De acordo com a parte identificável da elipse do anfiteatro, legitimada por construção privada em Condeixa-a-Velha, foi calculado um percurso provável para a intersecção entre ambos os monumentos. Alguns elementos compostos, associados à própria disposição urbana, permitem avançar com a planimetria geral do edifício, e estabelecer dimensões de 98 por 86 metros (CORREIA 1994, 337). A Oeste, os três corredores abobadados puderam ser mantidos porque servem de suporte e de cave a uma habitação. Uma intervenção recente (CORREIA 1997, 38) identificou o muro perimetral oriental, permitindo definir uma assimetria da entrada, por oposição à sua estrutura gémea. Enquadrados por uma nítida conexão viária conducente ao anfiteatro, destacam-se dois edifícios correlacionados, entre si e principalmente com o edifício de espectáculos: a casa do Tridente e da Espada, numa rua do planalto, e depois o grande edifício indeterminado junto ao viaduto, sobre a rua que passava no lado esquerdo, ou setentrional, da casa dos Repuxos. Um resultado da intersecção entre anfiteatro e muralha consistiu na parcial manutenção intra-muros do edifício demolido, a nível de fundações. Em 1992-3, esta zona foi escavada, com resultados inesperados, nomeadamente a definição de um *cavaedium* um tanto ou quanto particular (CORREIA 1993, 16-17), que condicionaram o alargamento da sondagem. Uma nova escavação, levada a cabo pelo autor deste texto em 2006, pretendia definir a articulação da muralha com estruturas prévias. O reconhecimento da forma regular da *cavea* conduz ao local de intersecção da muralha. Porém, a variância de apenas um grau traduz-se, como se compreende, num considerável desvio real. A sondagem, de doze metros quadrados, não atingiu o muro perimetral do anfiteatro, mas resultou na identificação de um dos *vomitoria* sudestes (imagem 2), cujo eixo sugere um limite mais amplo.

Em princípio, a passagem à obsolência do anfiteatro representa um pressuposto lógico para a sua invalidação, de acordo com as novas exigências urbanas – que neste caso se traduziam na construção da muralha. Ambos os fenómenos decorrem de alterações que hoje entenderíamos como macro-económicos, mas a sua concretização em Conimbriga apresenta detalhes particulares.

2. TRANSIÇÃO HISTÓRICA

Numa perspectiva ampla, a maioria dos anfiteatros hispânicos parece ter sido anulada em finais do século III ou inícios do IV (CEBALLOS HORNERO; CEBALLOS HORNERO 2003, 59). Surgiram vários motivos para interpretar esse abandono, como o desinteresse social ou a imposição religiosa; na verdade, o próprio Constantino viria a repudiar os combates em 325, argumentando que eles *não são convenientes no seio de uma paz pública e doméstica* (C. Th. XV. 12.1). Por outro lado, é curioso que o mesmo imperador tenha patrocinado, por exemplo, uma reparação no anfiteatro de Segóbriga (SÁNCHEZ-LAFUERTE PÉREZ 1994, 178-179), nitidamente prévia à sua conversão. Os sucessivos protestos de uma série de autores cristãos demonstram uma condenação ética por parte da hierarquia eclesiástica, ainda que deva ser tido em conta o vigor de uma velha linha de pensamento estoica, que também se opunha aos jogos de sangue (TEJA 1994, 74). Não se trata, portanto, de uma luta fundamental entre cristãos e pagãos. Nem se deve subestimar ou perder de vista o apetite continuado da população por espectáculos públicos, que não abrandaria sem outro motivo, menos moralizador. O célebre episódio descrito nas *Confissões* de S. Agostinho (VI, 8) demonstra, por si só, uma popular continuidade em Roma em 385. De resto, não deixa de ser indicativo que o papa Damásio, nesse mesmo ambiente cultural – ano de 367 – tenha resolvido contratar um grupo de gladiadores como guarda pessoal (KÖHNE; EWIGLEBEN 2000, 30). O próprio Honório considerava o fenómeno dos combates públicos imparável, antes de, de acordo com Teodoro, emitir uma determinação proibitória (embora não tenhamos encontrado confirmação no Código de Teodósio). Na realidade, os jogos de gladiadores foram sendo consecutivamente promovidos até os finais do Império, a deprender das sucessivas proibições (C. Th. XV. 12. 2 e 3). Mesmo durante a Antiguidade Tardia, Teodoro ensaiou um revivalismo dos combates, embora com animais selvagens (GIBBON 2005, 564). À primeira vista, portanto, não terá sido uma imposição religiosa que ditou o fim do anfiteatro de Conimbriga na transição para o século IV, até porque foi nesse espaço de tempo que se assistia à ascensão a vicário hispânico do galaico Mariniano, correspondente e correligionário de Símaco. A nível administrativo, nunca existiu um clã hispânico, mas também é verdade que pelo menos até finais do governo de Teodósio, quase um século após a inutilização do anfiteatro, o governo provincial hispânico continuava a girar em torno de um círculo pagão (BRAVO CASTAÑEDA 1996, 398).

É certo que a crescente escassez dos *munera* de gladiadores, associada às interdições imperiais no tocante à promoção individual de magistrados, deverá ser entendida como linha condutora na anulação anfiteatral, principalmente nas pequenas cidades provinciais. Mas também não se deverá minorar em excesso a influência episcopal; destaca-se um importante conjunto de elementos cristãos conimbrigenses do século IV com implicação urbanística, como a cristianização do *forum* (DE MAN 2005b).

Por outro lado, as novas muralhas urbanas que surgem no mesmo intervalo de tempo encontram-se estreitamente correlacionadas à decadência dos anfiteatros. Não se tratou de uma troca linear, abandonando de repente a diversão pública em favor de um novo tipo de defesa urbana, embora seja precisamente essa a transição arqueológica. Em termos históricos, porém, ter-se-á em conta que o papel da cidade na transformação da defesa encontra antecedentes directos num período que não punha em causa a manutenção de anfiteatros. Mesmo apenas a epigrafia hispânica demonstra a promoção de gladiadores ainda em finais do século II ou inícios do III (CIL II 2 7, 367, CIL II 2 7, 368, CIL II, 499, CIL II 2 7, 358). Faltavam ainda umas décadas para a fortificação prototípica de Aureliano, e de qualquer modo é preciso lembrar, embora tal não seja nítido na Lusitânia, que a construção de muralhas não cessou durante o século II. Podemos tratar o assunto em detalhe noutro lado (DE MAN 2006a); para o que interessa de momento bastará indicar que não existe equivalência entre a conformação precisa das obras defensivas e a condição da cidade, e que estas muralhas integram uma rede de plataformas logísticas,

anulando desse modo um simplismo conceptual dicotómico, entre defesa e ostentação. De acordo com Idácio de Chaves, Conimbriga foi tomada primeiro *dolose* e, três anos depois, *in pace decepta* (TRANOY 1974, 170 e 174), o que implicaria uma efectiva capacidade defensiva. No entanto, é preciso referir que as cidades romanas do século V abriam as portas quase sempre por acordo de capitulação, no seguimento de um sistema de sedução e promessa aplicado com sucesso no Oriente (JOHNSON 1983, 79). A verdade é que as iniciativas de cerco germânicas eram muito raras; dois exemplos apontados por Amiano Marcelino (16.4.2 e 31.15.15) provam a quase patética ineficácia destes empreendimentos – culminando na emblemática declaração de Fritigerno, que se sentia *em paz com as muralhas* (MATTHEWS 1989, 393). Conimbriga construiu a sua muralha por motivos menos contextuais do que a eventual ameaça bárbara, avançando com a obra em cumprimento de directivas imperiais, fazendo parte de uma dinâmica de requalificação tardia perfeitamente identificável no Código de Teodósio (4. 13. 7, 4. 13. 15, 15. 1. 18, etc.).

Constata-se uma transição directa em Conimbriga, renegando um monumento público em favor de outro, ainda que não se possa imaginar uma série de espectáculos nas vésperas dessa obra. Aos olhos da municipalidade, o anfiteatro terá surgido como fonte de *spolia* evidente, em vez, por exemplo, do *forum* ou mesmo da muralha alto-imperial. A este respeito, parece-nos muito interessante que o circuito honorífico tenha conservado uma função que não se reduziu a uma mera delimitação de propriedade. É evidente que a nova muralha se revestia de um significado distinto, sem equivalência ao pomério original. E nesta manutenção pagã pode ser visto um argumento adicional para negar uma causalidade maioritariamente religiosa para a demolição do anfiteatro.

3. TRANSIÇÃO ARQUEOLÓGICA

Do ponto de vista estratigráfico, é de apontar uma especial homogeneidade deposicional após a construção da muralha, com apenas uma grande excepção, correspondente a um momento alto-medieval específico. Tal sucessão contrasta fortemente com o registo de outras intervenções que tivemos oportunidade de efectuar em contextos equiparáveis, e que revelaram perturbações de uma natureza muito mais incisiva. Neste caso, tratando-se de pavimentos regulares, nitidamente domésticos e de apreciável manutenção, a matriz estratigráfica é por isso praticamente linear.

O momento de anulação do anfiteatro é perfeitamente identificável pelo enchimento súbito do *vomitorium* e a selagem geral desse nível de actividade por uma camada arenosa, que por seu turno viria a ser coberto por uma outra, muito mais argilosa. A propósito, na sequência das taças sud-gálicas Dragendorff 24/25 e 27 recuperadas em 1993, seria de pôr em perspectiva a datação júlio-claudiana proposta por Golvin (1988, 147) para a construção do anfiteatro, podendo ter havido pelo menos obras de qualificação flavianas. Adicionalmente, a escavação deste ano resultou em três peças de *sigillata* gálica, associadas directamente a um momento de perturbação dos níveis de construção do anfiteatro, a ocidente e oriente do *vomitorium*. Elas indiciam uma cronologia pós-flaviana para o término de obras localizadas no monumento, embora a sua concepção possa ter, de facto, origem em Vespasiano ou Domiciano. O primeiro exemplar é uma taça Dragendorff 27 (50 a 150 d. C.) com impressão VITALIS, que surge em TS Sud-gálica de La Graufesenque, mas também nas produções contemporâneas do Grupo de Lezoux, no centro da Gália, e principalmente no chamado Grupo de Leste, ou seja, entre Nancy, Reims e Luxemburgo (BÉMONT; JACOB 1986, 286). A outra forma é Dragendorff 18/31 (datado entre 90 e 150), com uma marca parcial que termina em –APA. À terceira peça falta o fundo, mas sendo Dragendorff 18 tem correspondência cronológica com a segunda metade do século I (de 50 a 100).

É nítido que a anulação do monumento teve como consequência física directa a justaposição da muralha, e nesse sentido trata-se, em simultâneo, de uma causa. A fundação – tanto o nivelamento como a camada de argamassa de cal – assenta no *vomitorium*, que tinha sido apenas parcialmente demolido, desse modo servindo de apoio mais firme (imagem 3). Ao longo

da restante extensão existe uma fina camada argilosa de apenas alguns centímetros por baixo dos alicerces. Todo este sector encontra-se nivelado por um depósito de *tegulae* e *imbrices*, num razoável estado de inteireza e que se articula com a cota de demolição e enchimento do *vomitorium*. Esta sucessão deu-se num reduzido espaço de tempo, isto é, corresponde a apenas um ciclo de acções, estimulado pela edificação da muralha, e que culminou na subsequente criação de um primeiro nível de circulação.

Quanto aos horizontes dos séculos V a VII, destaca-se uma importante sequência hispano-visigótica, tal como uma definida correspondência à *extinção do conforto* (WARD-PERKINS 2006, 168-185), o que não equivale, contudo, a um *fim da civilização*. O nível de circulação nos inícios do século V revela-se por uma camada perfeitamente horizontal, representando a consolidação do grande movimento topológico do estádio anterior. Assim, a “normalização” do sector é ilustrada pela presença de um Ae2 *Reparatio Reipub* (BRUCK 1961, 57), talvez de Graciano, proveniente de uma camada adjacente que, embora mais tardia, afectara nitidamente a precedente, resultando numa contaminação. É preciso ter em conta a grande proporção de imitações destas moedas de Graciano, especificamente na Península e com presença já documentada em Conimbriga (SIENES HERNANDO 2000, 128-136).

A escória de ferro, muito abundante nestes níveis, reporta directamente a outros contextos equiparáveis em Conimbriga, e surge com uma incidência muito nítida em ambientes domésticos imediatamente pós-clássicos (DE MAN 2006b, 129-140). Isidoro de Sevilha (Etim. 16. 21. 5) destacou a importância da escória sem inspiração em Plínio (DÍAZ Y DÍAZ 1970, 3), o que implica a valorização do resíduo em contexto visigótico. É de ver que o conceito de polifuncionalidade no espaço privado, que se manifestara já no seio do enquadramento romano ao longo do século V, viria a perdurar nestas fases medievais. O significado da pequena transformação de metal, de acordo com um circuito casuístico e contextual, é muito indicativo – a produção cerâmica local conheceu, aliás, uma evolução semelhante, em direcção a uma auto-suficiência tendencialmente nuclear, antes de uma nova e mais curta inversão por volta do século IX (DE MAN 2006c, 146-164). Destaque-se ainda uma ampla actividade de tecelagem nos estratos posteriores ao século VI, num dos quais foi recuperado um terminal de tempereiro completo. Quase uma vintena destas peças tinha sido identificada em níveis de destruição do *forum* (ALARCÃO; PONTE, 1982, 163, 168), e pudemos constatar a presença de um outro núcleo de tecelagem no anfiteatro, com peso e fuso acompanhado de um tempereiro, praticamente sem dispersão pós-deposicional, num contexto de cronologia islâmica (DE MAN, no prelo).

Neste quadro, um dos níveis mais diferenciadores é a UE 3, por ter provocado uma severa perturbação na estratigrafia, que na sua generalidade se apresenta bastante homogénea e praticamente horizontal. Perfurou todas as outras camadas tardo-antigas, até incidir nos dois muros do *vomitorium*, que ficaram parcialmente afectados mas cuja resistência desmotivou uma escavação mais profunda. O que surpreende nesta camada são as dimensões, que inviabilizam por completo a ideia de qualquer funcionalidade privada. Outras estruturas conimbrigenses do mesmo horizonte alto-medieval contêm materiais análogos, mas são bastante mais modestas, ou então reflectem um depósito único e concreto, como é o caso da acumulação de fauna escavada na casa do Mediano Absidado. Ora, a presente unidade não resultou da invalidação de um silo, nem parece ter servido para lidar com algum detrito específico, dado que fauna e cerâmica surgem numa proporção moderada e dissipada. A configuração da cova é vagamente longitudinal, e apresenta uma continuidade para sul e oeste, visível no corte estratigráfico. Neste âmbito, recorde-se que as canalizações domésticas da cidade se encontravam entupidas desde o século V, constatável na casa de Cantaber, e também na *insula* do Vaso Fálco, onde foi recorrido a uma adaptação superficial de telha. Os próprios esgotos terão sido entulhados pouco depois, como aliás aconteceu noutras cidades, como Mérida, sem intervalos de ocupação e sem redundar na anulação funcional do espaço. Ou seja, a evacuação de dejectos carecia de um novo enquadramento, situação de resto

comum na Tardo-Antiguidade. A solução consistia na mera abertura de fossas, numa variante menos sofisticada dos poços pompeianos, que absorviam urina e parte dos dejectos sólidos apenas pela drenagem do próprio subsolo, e que também continham ossos e cerâmica (JANSEN 1999, 38-39). De destacar, nesta fossa, o abandono de uma lâmina inteira, inutilizada apenas pela quebra da pega, que poderia ter sido perfeitamente reaproveitada. A cerâmica associada (imagem 4) é muito tardia, nomeadamente os alguidares de base em disco e cordões digitados, os púcaros de colo recto e canelado, ou as asas puncionadas, presentes em Conimbriga desde finais do século VII mas característicos dos séculos IX e X. Esta fossa perfurou uma outra, cujo formato se aproxima muito mais das covas de detritos dispersas pelo sítio e que devem ser associados a núcleos de habitação.

Uma invulgar quantidade de pregos de ferro pode sustentar a hipótese, colocada noutro lado (DE MAN; SOARES 2005), de uma evolução generalizada para um habitat em matéria perecível. Essa lógica permitiria interpretar a enorme quantidade e dispersão de cerâmica comum em estratos de contexto doméstico mas sem associação a estruturas verticais pétreas. Foi possível detectar algumas pequenas aglomerações de terras escuras, localizadas a cotas semelhantes mas sobre duas unidades estratigráficas distintas, que, não contendo material, poderão ser interpretadas como buracos de poste. Um problema considerável reside no facto de estes elementos não terem atingido a rocha, mas apenas os níveis de depósito e circulação dos horizontes precedentes. A Alta Idade Média assiste à generalização de cabanas, geralmente atribuídas a um qualquer contexto germânico, embora pareça lógico que essa influência de teor cronológico não seja linear do ponto de vista cultural. As cabanas gálicas, orientais ou danubianas apresentam uma grande semelhança, sendo basicamente estruturas sub-rectangulares, as mais simples das quais se apoiavam apenas em dois postes axiais (PESEZ 1985, 160). Em boa verdade, as construções em materiais perecíveis ou em terra pouco compacta não são exclusivas de um período tardio; enquanto herdeiras de uma lógica pré-romana, elas surgem, de facto, ao longo de todo o Alto Império, principalmente nas províncias, como refere Vitruvius: *ainda hoje em dia se constrói deste modo, como na Gália, Hispânia, Lusitânia e Aquitânia* (De Arch. II, 1; ROWLAND; HOWE 2002, 34)). Duas citações reportam directamente à realidade hispânica. Varrão (Res Rust. I, 14, 4) menciona muros de delimitação numa espécie de amálgama de terra e gravilha, *como em Espanha*, e Plínio (Nat. Hist. XXXV, 169) faz referência aos muros de taipa ou barro (GROSSE 1959, 211).

Entre as unidades terminais destaca-se uma camada selada, cujo valor cronológico é muito significativo. É composta por terra bastante compacta, com nódulos muito semelhantes à argamassa do núcleo da muralha, o que deverá ser interpretado como resultado de um derrube intencional ou accidental. Afigura-se provável que, na ausência dos silhares correspondentes, se tenha tratado de uma extracção propositada, na medida em que uma unidade quase coeva apresenta porosidade e coloração semelhantes, sem presença de argamassa. De um ponto de vista físico, a camada sobrepõe-se às camadas consideradas visigóticas, ainda que nem a lógica estratigráfica, nem o grosso do material associado se apresentem suficientemente distintos para que fosse admissível um espaço de tempo dilatado entre as deposições; a cerâmica é, de qualquer das formas, condizente com uma fase califal. É provável que se trate de uma equivalência com uma unidade identificada noutra escavação próxima, que continha vidrados islâmicos, a uma cota semelhante. Nunca tinha sido negada uma residual actividade islâmica no sítio, aliás bem documentada, por exemplo, através dos elementos numismáticos publicados nas próprias Fouilles de Conimbriga. Essa presença, contudo, não implicaria em si uma ocupação doméstica efectiva do planalto. Mas fazem sentido quando associados aos múltiplos indicadores de traços islâmicos na cerâmica comum, incluindo várias lamparinas em bico-de-pato. Todas as escavações recentes confirmam directamente, e também por articulação, a existência de horizontes contínuos até à Reconquista. A necrópole cristã intra-muros recentemente posta a descoberto pela equipa da Universidade Autónoma de Madrid, e datada do século IX, faz acreditar numa importante

comunidade moçárabe. Também houve enterramentos islâmicos: já foi apontado, noutra zona da cidade, para os esqueletos em decúbito lateral fotografados pela equipa luso-francesa (DE MAN 2005b). A presença absolutamente menosprezável de cerâmica a corda seca pode ser facilmente explicável pelo facto de essa técnica, pelo menos na Península Ibérica, não ser anterior ao século XI (GÓMEZ MARTÍNEZ 2002, 12-13), período de uma ocupação doméstica já pouco coerente do planalto conimbrigense.

4. CONSIDERAÇÃO FINAL

Os níveis pós-clássicos do anfiteatro resultaram, enfim, na confirmação de densos horizontes alto-medievais, algo que tem vindo a ser documentado ao longo da última década. Grande parte desta reavaliação deve-se aos resultados de um projecto de datação por radiocarbono em curso¹, que confirmaram quase linearmente as conclusões estratigráficas. Duas amostras em tratamento ainda não puderam ser incluídas neste texto, mas apresenta-se, a título indicativo, uma série proveniente de uma sondagem realizada a poucos metros de distância, e que demonstram densas ocupações de cronologia islâmica. Algumas destas camadas tardias registadas em separado, com um intervalo de mais de uma década, provavelmente até serão as mesmas, de acordo com as respectivas cotas, descrições físicas e materiais associados. E as sem correspondência directa apresentam equivalências muito próximas, inserindo-se num ambiente cultural idêntico.

Data ¹⁴ C (BP)	Data calibrada (cal AD) 1 σ	Data calibrada (cal AD) 2 σ
930±50	1040-1160	1020-1210
1180±45	775-930	710-975
1060±40	900-1020	895-1025
1000±45	990-1150	905-1160
1050±55	900-1030	880-1150
1100±40	895-985	785-1020

Por fim, no que diz respeito à transformação baixo-imperial, aponte-se a acrescida relevância no cruzamento intencional de duas estruturas públicas. De um ponto de vista metodológico, trata-se de uma referência cronológica segura, servindo de limite relativo aos estratos sobrepostos. E por outro lado reconhece-se o emblemático reflexo de uma viragem severa e crucial; o século IV ainda permitia grandes obras centralizadas, mas passava a declinar o bem comum noutros moldes, em detrimento de fórmulas políticas tão obsoletas como os edifícios públicos correspondentes.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A.; PONTE, S. (1982) - O tempereiro e a antiguidade do tear horizontal de pedais, *Conimbriga* XXI, Instituto de Arqueologia, Coimbra, p. 163-168
- BÉMONT, C. ; JACOB, J.-P. (1986) - *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du Haut Empire: implantations, produits, relations*, Documents d'Archéologie Française n° 6, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, Paris
- BRAVO CASTAÑEDA, G. (1996) Prosopographia Theodosiana (I): em torno a un "clan hispano", *Gerión* 14, Universidad Complutense, Madrid, p. 381-400

¹ levado a cabo desde 2004, por A. Monge Soares e A. De Man, no âmbito de um protocolo entre o Instituto Português de Arqueologia e o Instituto Tecnológico e Nuclear.

- BRUCK, G. (1961) - *Die Spätromische Kupferprägung, Ein Bestimmungsbuch für Schlecht Erhaltene Münzen*, Graz
- CEBALLOS HORNERO, A.; CEBALLOS HORNERO, D. (2003) Los espectáculos del anfiteatro en Hispania, *Iberia* nº6, Universidad de la Rioja, Logroño, p. 57-70
- CORREIA, V. H. (1994) - O anfiteatro de Conimbriga. Notícia Preliminar, *El Anfiteatro en la Hispania Romana, Coloquio Internacional*, Junta de Extremadura, Mérida, p. 327-343
- CORREIA, V. H. (1997) - *Nouvelles recherches à Conimbriga, Itinéraires Lusitaniens – Trente années de collaboration archéologique luso-française*, Diffusion de Boccard, Paris, 1997
- CUNHA, L. (1995) - Le massif de Sicó, Le Karst au Portugal (Géomorphologie, Spéléologie, Etudes Environnementales), *Massif de Sicó - Massif calcaire de l'Estremadura*, Association Française de Karstologie / Universidade de Coimbra, Coimbra, p. 9-22
- DE MAN, A. (2004) - Algumas considerações em torno da cerâmica comum tardia conimbrigense, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7-2, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, p. 459-471
- DE MAN, A. (2005a) - A muralha tardia de Conimbriga, *Murallas de Ciudades Romanas no Occidente do Imperio – Lucus Augusti como Paradigma, Congreso Internacional Conmemorativo do V Aniversario da Declaración da Muralla de Lugo como Patrimonio da Humanidade*, Museo Provincial de Lugo / Deputación Provincial de Lugo, p. 699-712
- DE MAN, A. (2005b) - Sobre a cristianização de um forum, *Al-Madan* 13, II série, versão electrónica
- DE MAN, A. (2006a) - Late Urban Defenses of the Lower Mondego: the cases of Aeminium and Conimbriga, *20th International Congress of Roman Frontier Studies*, Universidad de León, 10.9.2006, actas no prelo
- DE MAN, A. (2006b) - Transformação metalúrgica na casa de Cantaber, *actas do III Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*, Sociedad Española para la Defensa del Patrimonio Geológico y Minero / IPPAR, Porto, 2006, p. 129-140
- DE MAN, A. (2006c) - *Conimbriga do Baixo Império à Idade Média*, Edições Sílabo, Lisboa, 2006
- DE MAN, A. (2007) - *The Late urban fort of the Bico da Muralha, Conimbriga - Mediterranean Archaeology & Archaeometry* 7-1, v. of *The Aegean*, Rhodes, p. 3-14
- DE MAN, A.; SOARES, A. M. (2005) - Caracterização e datação pelo radiocarbono de horizontes tardios de Conimbriga, *IV Simposio Internacional de Mérida*, Instituto de Arqueologia de Mérida / Consejo Superior de Investigaciones Científicas / Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida, 04.11.2005, actas no prelo
- DÍAZ Y DÍAZ, M. (1970) - Metales y Minería en la Epoca Visigoda, a través de Isidoro de Sevilla, *VI Congreso Internacional de Minería*, Catedra de San Isidoro, León
- GIBBON, E. (2005) - *Verval en Ondergang van het Romeinse Rijk*, Olympus, Amsterdam
- GOLVIN, J.-C. (1988) - *L'amphithéâtre romain, Essai sur la théorisation de sa forme et de ses fonctions*, Diffusion de Boccard, Paris
- GÓMEZ MARTÍNEZ, S. (2002) - *Cerâmica em corda seca de Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola
- GROSSE, R. (1959) - *Fontes Hispaniae Antiquae, fascículo VIII. Las fuentes desde César hasta el siglo V d. J. C.*, Librería Bosch, Barcelona
- JANSEN, G. C. M. (1999) - Systems for the disposal of waste and excreta in Roman cities. The situation in Pompeii, Herculaneum and Ostia, *Sordes Urbis, La eliminación de residuos en la ciudad romana*, Bibliotheca Italica, Monografías de la Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma, nº 24, "L'Erma" di Bretschneider, Roma, p. 37-49
- JOHNSON, S. (1983) - *Late Roman Fortifications*, B T Batsford, London
- KÖHNE, E.; EWIGLEBEN, C. (2000) - *Gladiators and Caesars, The Power of Spectacle in Ancient Rome*, University of California Press, Berkeley

- MATTHEWS, J. (1989) - *The Roman Empire of Ammianus*, Duckworth & Co., London
- PESEZ, J.-M. (1985) - La terre et le bois dans la construction médiévale, *Architectures de terre et de bois. L'habitat privé des provinces occidentales du monde romain. Antécédents et prolongements: Protohistoire, Moyen Âge et quelques expériences contemporaines*, Documents d'Archéologie Française n° 2, Maison des Sciences de l'Homme, Paris, p. 159-168
- PRIGENT, D.; SAPIN, C. (1999) - La construction en pierre au Moyen Âge, *La Construction. La Pierre*, Collection « Archéologiques », Editions Errance, Paris, p. 101-132
- ROWLAND, I. D.; HOWE, T. N. (2002) - *Vitruvius, Ten Books on Architecture*, Cambridge University Press, Cambridge
- SÁNCHEZ-LAFUERTE PÉREZ, J. (1994) - Algunos testimonios de uso y abandono de anfiteatros durante el Bajo Imperio en Hispania. El caso segobrigense, *El Anfiteatro en la Hispania Romana, Coloquio Internacional*, Junta de Extremadura, Mérida, p. 177-186
- SIENES HERNANDO, M. (2000) - *As imitações de moedas de bronze do século IV d. C. na Península Ibérica: o caso do Ae2 Reparatio Reipub*, Trabalhos de Arqueologia 13, IPA, Lisboa
- s/a (1971) - O anfiteatro de Conimbriga, Diário Popular de 25-6-1971, in "Notícias", *O Arqueólogo Português*, série III, vol. V, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, p. 265-266
- TEJA, R. (1994) - Los juegos de anfiteatro y el Cristianismo, *El Anfiteatro en la Hispania Romana, Coloquio Internacional*, Junta de Extremadura, Mérida, p. 69-78
- TRANOY, A. (1974) - *Hydace, Chronique*, Sources Chrétiennes, Les Editions du CERF, Paris
- WARD-PERKINS, B. (2006) - *A Queda de Roma e o Fim da Civilização*, Aletheia Editores, Lisboa
- <http://www.forumromanum.org/literature/palladius/agr1.html#8>, consultado a 22.11.2006

